

ÍNDICE

- 08 **VOLUME 06: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 12 **FIGURA: MARIA DA CONCEIÇÃO MARQUES CALDEIRA**
- 14 **CONVERSAS COM... LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA**
- 28 **ÀS VEZES ÍAMOS LÁ A CASA** Manuel Rocha
- 30 **MICHEL GIACOMETTI E OS ARQUIVOS SONOROS PORTUGUESES**
Domingos Morais
- 38 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 52 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**





POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

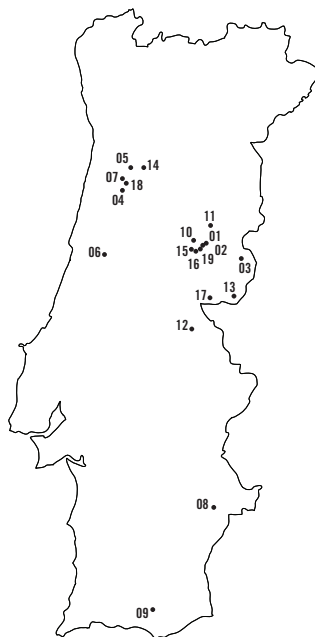
2.ª Série I Episódios 21 a 24

Gravação: 1970.Abril [1.ª campanha];

1970.Maio-Junho [2.ª campanha];

1971.Junho [3.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1972.Agosto-Setembro



LOCAIS

01. Castelo Branco. Fundão, ALDEIA DE JOANES
02. Castelo Branco. Fundão, ALDEIA NOVA DO CABO
03. Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA
04. Aveiro. Sever do Vouga, TALHADAS
05. Viseu. São Pedro do Sul, MANHOUCE
06. Coimbra. Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha: BARREIRA
07. Aveiro. Sever do Vouga, ROCAS DO VOUGA
08. Beja. Serpa, Vale de Vargo: MONTE DE BELMEQUE
09. Faro. Loulé, SALIR
10. Castelo Branco. Covilhã, BARCO
11. Castelo Branco. Covilhã, TEIXOSO
12. Portalegre. Nisa, ALPALHÃO
13. Castelo Castelo. Idanha-a-Nova, ROSMANINHAL
14. Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA
15. Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS
16. Castelo Branco. Fundão, Souto da Casa: SANTA LUZIA/CASTEJEJO
17. Castelo Branco. Castelo Branco, MALPICA DO TEJO
18. Aveiro. Sever do Vouga, COUTO ESTEVES
19. Castelo Branco. Fundão, SOUTO DA CASA

TEXTOS/ EPISÓDIOS

CANTOS DE TRABALHO

[Data de transmissão: 1972.Agosto.07]

Castelo Branco. Fundão, ALDEIA DE JOANES

Castelo Branco. Fundão, ALDEIA NOVA DO CABO

Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA

Aveiro. Sever do Vouga, TALHADAS

Viseu. São Pedro do Sul, MANHOUCE

MÚSICA DE PASSATEMPO, MAS NEM SEMPRE ALEGRE

[Data de transmissão: 1972.Agosto.21]

Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA

Coimbra. Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha: BARREIRA

Aveiro. Sever do Vouga, ROCAS DO VOUGA

Beja. Serpa, Vale de Vargo: MONTE DE BELMEQUE

Faro. Loulé, SALIR

Castelo Branco. Covilhã, BARCO

O SÃO JOÃO NA TRADIÇÃO MUSICAL POPULAR

[Data de transmissão: 1972.Setembro.04]

Castelo Branco. Fundão, ALDEIA DE JOANES

Castelo Branco. Covilhã, TEIXOSO

Portalegre. Nisa, ALPALHÃO

Castelo Castelo. Idanha-a-Nova, ROSMANINHAL

Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA

MÚSICAS DE ROMARIA

[Data de transmissão: 1972.Setembro.18]

Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA

Castelo Branco. Fundão, ALDEIA DE JOANES

Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS

Castelo Branco. Fundão, Souto da Casa: SANTA LUZIA/CASTELEJO

Aveiro. Sever do Vouga, TALHADAS

Castelo Branco. Castelo Branco, MALPICA DO TEJO

Aveiro. Sever do Vouga, COUTO ESTEVES

Castelo Branco. Fundão, SOUTO DA CASA

OBSERVAÇÕES

1.

Os episódios 16 a 24 (volumes 05 e 06) são de um extraordinário interesse dentro do seriado Povo que canta. Interesse não só motivado pelo que arquivam de uma paisagem sonora e musical que Portugal possuía por volta de 1970, como, também, de uma intenção política que em muitos momentos irrompe. Por vezes com alguma ingenuidade(!). Olhando com atenção, tem-se a sensação que a segunda era mais importante que a primeira. Os episódios 16 a 20, editados no anterior volume, o n.º 05, são gravados em várias partes do Sul e do Centro do País. Não é tanto a sua distribuição geográfica que importa, nem as soluções encontradas ao nível da realização dos documentários. Importa, antes, ver algumas das linhas de força e algumas das estratégias de subversão ao nível do político.

2.

Michel Giacometti, nestes quatro filmes, continua a dar um primado à voz, secundarizando o instrumento musical popular. Aspecto este, que lhe foi valendo algumas críticas ao longo da transmissão da série. Mas estas vezes, as que capta, os ritmos, e as entrevistas... servem, acima de tudo, para contar a realidade nacional: pobreza, abandono... Mostram que uma tradição musical, que Giacometti considera rica no panorama europeu, está em perigo de extinção.

O episódio 17, dedicado a cantadeiras populares, inventaria cantos e locais. Teixoso, Pehna Garcia ou Borba surgem-nos através de vozes femininas. Estas vozes entoam coisas muito diferenciadas, mas também deixam entrever escolhas firmes para o Etnólogo. Escolhas baseadas em trabalho preparatório ou em anteriores prospecções.

Ainda em 1970, aquando da segunda campanha de recolha de imagens, junto a Santiago de Rio de Moinhos (Borba), gravarão Vicência Fusco Granadeiro no Monte da Várzea, irmã gémea de Cristina da Encarnação Fusco Granadeiro. Esta última já tinha sido inquerida pelo Etnólogo. Na sua ausência, a sua irmã gémea, gravará O lavrador da Arada. Note-se que Vicência Granadeiro olha constantemente para baixo: tem um papel na mão, que não vê, e onde está escrito este romance religioso.

Em Teixoso gravará uma assalariada a sachar numa quinta. A escolha tinha sido feita há alguns meses atrás, aquando da preparação da terceira campanha. Será um proprietário local a fornecer-lhe o catálogo local de informantes com boa voz e interpretação firme. Giacometti escolherá, pela sua espantosa voz, Lucinda Matos Neves. Aquando da gravação pedir-lhe-ão para ir vestida à camponesa.

Mas uma das figuras mais interessantes, e cativantes, de toda a série Povo que canta será Maria da Conceição Marques Caldeira, uma trabalhadora rural natural de Malpica do Tejo, onde nasceu em 1918.

Esta mulher participou em todos os grandes eventos identitários do Séc. XX português: Concurso da Aldeia mais Portuguesa, Exposição do Mundo Português... E transmitiu ao canta-autor José Afonso o corpus de cantos da Beira Baixa que este tinha no seu repertório, e que editará em diversos discos.

Mas de todo este grupo de filmes, é o número 18 o mais interessante. Pensado para ser transmitido no dia 1 de Maio de 1972, só será transmitido no fim desse mesmo mês. Facilmente se adivinhará que a Censura não o permitiu, como muito bem mostra o dactiloscrito guardado nos Arquivos da RTP. Gravado na oposição, e partilha, musical entre Brenha e Tavadere, dois cantos usados na bacelada, e recorrendo a imagens anteriores, tiradas do filme Alar das redes, de 1962 — as únicas imagens não filmadas por Alfredo Tropa —, este episódio mostra que, por detrás de um arquivo etnomusicológico, escondia-se uma atitude política de oposição constante ao Estado Novo, agora a viver a Primavera Marcelista.

A polifonia popular é uma das práticas musicais mais detalhadas em toda esta série. Michel Giacometti faz um esforço para recolher, em diversas partes do país, esta prática musical, que considera estruturante na nossa tradição. Talvez a marca mais identificativa. O episódio dedicado à prática do desafio é muito interessante. No mesmo episódio confluem várias formas: voz e instrumento ou só instrumento. Lavacolhos e Souto da Casa enfrentam-se em Santa Luzia. De tal não há memória nem há datas coincidentes. Mas a gravação existe. A diferença entre os grupos prende-se à forma como tocam. Lavacolhos pega no bombo, Souto da Casa toca o bombo de forma solta. Mas também o despique no Baixo Alentejo ou o desafio de mais a norte, onde um tio e um sobrinho reinventam textos poéticos na adega de um comerciante.

Mas Lavacolhos é dos locais onde mais a norte existe uma forte memória de Michel Giacometti. Daqui será oriundo o tema musical que servirá de base à Festa do Avante!: a Carvalhesa. Tema associado à luta por terras comunais.

De forma rápida, o que este grupo de episódios nos coloca a nu são diferentes discursos: a pesquisa de música regional portuguesa que encobre uma intenção de subversão política. Uma arma com tempo de transmissão dada pela RTP.

2.

O conjunto de filmes que se edita no Volume 06 embora não traga nada de novo no discurso que, a meio da série, já está delineado e sedimentado, procura de alguma forma responder a uma certa crítica: a ausência de instrumentos musicais.

No episódio 23, a entrevista a um fabricante de adufes deverá ser visto também nesta perspectiva, embora se possa associar a uma outra entrevista feita a um construtor de violas ditas «campaniças», feita em Odemira durante a primeira campanha. Mas em toda a série, os instrumentos musicais surgem de forma bastante pobre.

Em Penha Garcia, a equipa de *Povo que Canta* grava Catarina Chitas. Mas não gravará, por razões que desconhecemos, a já então rara viola «beiroa». Não deixa de ser curioso que Catarina Chitas em várias saídas será sempre acompanhada por um tocador deste instrumento.

Muitas das pessoas que se encontram nestes filmes não são informantes ingénuos, que

se encontrem afastados de uma certa apresentação pública. Os participantes do baile, e antes na maçadela do linho, gravado em Rocas do Vouga são de um grupo folclórico; a mulher de Malpica do Tejo tem uma forte representação folclórica na Beira Baixa, etc.

3.

Embora possamos encontrar vários aspectos da prática musical reconhecida por Michel Giacometti, continuamos a encontrar duas linhas muito claras: a polifonia e os cantos e ritmos de trabalho. São estes os dois traços marcantes da participação do Etnólogo na série.

21.º PROGRAMA

CANTOS DE TRABALHO

7 de Agosto de 1972



1. Aldeia de Joanes, no distrito de Castelo Branco. A canção de sacha, utilizada aqui na sacha das batatas – embora seja mais propriamente cantada para acompanhar o trabalho da sacha do milho, a que alude a própria letra –, foi cantada polifonicamente a três vozes, numa variedade de fabordão. Agora, um curto fragmento da «moda da lavoura» – já apresentada no nosso primeiro programa – e recolhida em Ficalho, no distrito de Beja.
2. Aldeia Nova do Cabo, no distrito de Castelo Branco. Um grupo de mulheres, trabalhadoras rurais, vai cantar (ou canta) o «Milho grosso», canção da sacha do milho. Polifonia a três vozes, numa variedade de fabordão.
3. Acabamos de ouvir o «Milho grosso», canção de sacha, e ouviremos a seguir «A oliveira da serra», outro canto de trabalho. Canto utilizado na colha da azeitona e em diversas tarefas agrícolas e apresentando as mesmas características musicais que o precedente.
4. Penha Garcia, no distrito de Castelo Branco. Catarina Chitas, já conhecida no nosso programa. A «Canção da ceifa». A bela melodia, segundo Fernando Lopes Graça, é um simples pentacórdio frígio, abundantemente floreado. Entre parênteses: não confundir, como já aconteceu com um benevolente crítico da televisão, estruturas melódicas pentacórdicas com escalas pentatónicas, coisas inteiramente diferentes em musicologia.
5. «Olé ó Senhora mãe» é um canto de trabalho utilizado quando, no fim de cada eito,

se sacode o centeio para lhe tirar as cascas. As cantadeiras são trabalhadoras rurais, de Talhadas, no concelho de Sever do Vouga, distrito de Aveiro. O canto começa monodicamente e prossegue em organum de terceiras e quintas paralelas.

6. Em Manhouce, sempre no concelho de Sever do Vouga, utiliza-se na condução do gado, rebanhos, etc., uma espécie de lengalenga de carácter quase infantil, intercalada com falas dirigidas aos animais. É o que se chama «lerar» o gado. Hoje, representamos mais um fragmento deste canto – canto de «aboiar» ou «aboio», como é conhecido no Minho.

7. Por razões técnicas e independentes da nossa vontade, o canto da ceifa, que hoje repetimos, foi apresentado em condições acústicas deficientes no programa em que estava incluído. Vamos assistir, portanto, a breves momentos de uma ceifa filmada ao vivo, na Aldeia de Joanes. O canto polifónico a três vozes apresenta as mesmas características que o canto de sacha com que iniciámos este programa.

8. Mais uma vez quisemos acentuar a importância, na nossa tradição musical popular, dos cantos do trabalho. Estes cantos traduzem, mediante os estilos e ritmos musicais mais diversificados, as formas não menos diversificadas de trabalho e de relações de produção do passado e do presente. Neste sentido, o estudo não limitativamente musical destes cantos e das funções sempre renovadas que exercem não pode deixar de contribuir para um melhor conhecimento da nossa realidade social.

22.º PROGRAMA

MÚSICA DE PASSATEMPO (Nem sempre alegre)

21 de Agosto de 1971



1. Em Penha Garcia (Castelo Branco), Catarina Chitas vai cantar a «Serenata», género pouco frequente nas nossas províncias, se atendermos à função específica que o nome sugere «um breve trecho vocal que os amorosos, acompanhando-se em geral com qualquer instrumento de corda, entoam da rua para a janela das suas pretendidas».

Aqui, trata-se de um canto epitalâmico, ou seja, um canto de núpcias, cujas analogias com as serenatas são meramente exteriores: um canto, portanto, entoado pela noite fora à porta de casa dos recém-casados.

A estes cantos chama o povo «parabéns» ou «comporta», ou ainda «descante aos noivos», como no Alentejo.

A letra, frequentemente improvisada, exprime, em termos por vezes maliciosos, fórmulas de parabéns e desejos de felicidades.

2. Sempre em Penha Garcia, a «Moda do Entrudo», canção chocalheira, como o são por natureza as canções do Entrudo em todo o país. O acompanhamento das modas do Entrudo com o adufe é quase em geral na região.

Um grupo instrumental popular de Barreira (Condeixa-a-Velha), Coimbra, vai tocar a música do «Passo dobrado» que, em musicologia, é assinalada como «marcha militar». O «Passo dobrado» pertence ao repertório dos grupos instrumentais congéneres da região e

é tocado pelas ruas nos dias de festa.

3. Rocas do Vouga, no concelho de Sever do Vouga. As mulheres no trabalho de cardar, espadelar e fiar o linho (ou lã) entoam canções maliciosas, como esta do «Tomé Rebelo», de certo modo destinadas a quebrar a monotonia do trabalho. A forma polifónica austera mal se adapta ao carácter da canção. Mas o fenómeno evidencia a permanência de estruturação polifónica na vida musical da região – uma polifonia que constitui como o suporte obrigatório do canto, embora este se renove, adaptando e assimilando letras e fórmulas melódicas de várias origens.

4. Sempre em Rocas do Vouga, registamos na sua realidade viva um baile popular. As nossas imagens referem-se à dança do «Senhor da Pedra» – dança que, provavelmente, se executava no terreiro do Senhor da Pedra, a cuja romaria acorriam as populações das zonas circunvizinhas.

Estes bailes, em que raramente participa a juventude – não desapareceram por completo da vida festiva dos homens e mulheres que, nas ocasiões próprias, dançam ainda a «Ramaldeira», a «Tirana», a «Moda Nova», o «Malhão» e a «Cana verde». O canto ao desafio aqui registado é improvisado – improvisado este que recorre por vezes a quadras do cancionário regional.

5. No Monte do Belmeque, nas imediações de Vale de Vargo (Beja). Um dos últimos tamborileiros do Baixo Alentejo, o senhor Bento Romeiro – já conhecido do nosso programa. Hoje vai tocar a «Dança das Fogaças», ao que parece, espécie de dança de carácter cerimonial, que se executava outrora nas festas de Junho na Aldeia Nova de S. Bento.

O tamborileiro pode ser definido como um instrumentista popular que toca simultaneamente um tamboril e uma flauta de bisel (ou pífaro), estando a melodia a cargo da flauta e sendo o acompanhamento executado no tamboril com uma única baqueta. Os tamborileiros existem ainda em duas zonas do país: em algumas aldeias raianas do distrito de Miranda do Douro e nas aldeias de Vila Verde de Ficalho, Santo Aleixo e Barrancos, no distrito de Beja. O senhor Bento Romeiro não exerce a sua função para cima de há vinte anos, tocando apenas, hoje em dia, para seu próprio comprazimento.

6. Salir, Loulé, Algarve. Uma figura conhecida, o improvisador popular António Rosa de Assunção, vai cantar versos de sua autoria. Acompanhamento flutuante da viola. Notamos

(notaremos) que o fado, pela simplicidade das suas estruturas melódicas, harmónicas e rítmicas, constitui actualmente o suporte quase generalizado dos improvisos populares – pelo menos no Sul do país.

7. Barco, no distrito de Castelo Branco. O grupo instrumental popular que toca habitualmente a «Marcha dos bombos» foi formado há mais de 80 anos. A sua função é essencialmente festiva, levando-o a deslocar-se até às terras da vizinhança, nas ocasiões próprias. O repertório é quase limitado a trechos do tipo da chamada «Música turca», a que já nos referimos num programa anterior.

8. A «Marcha dos bombos» é uma variante da «Marcha dos bombos» de Lavacolhos, já apresentada no nosso programa. A «Marcha das cornetas», que vamos ouvir a seguir, é outra música com função festiva e com origem provável no repertório das velhas marchas militares.

23.º PROGRAMA

O «SÃO JOÃO» NA TRADIÇÃO MUSICAL POPULAR

23 de Junho de 1972



- Acabamos de ouvir um canto de São João, da Aldeia Joanes, no concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco – polifonia a três vozes numa variedade de fabordão. O canto é utilizado aqui na sacha das batatas. Notaremos desde já uma particularidade: uma espécie de soluço no fim do segundo e último verso de cada quadra. É o que as cantadeiras da região chamam «Fazer rabo». Este soluço – para assim lhe chamarmos – encontra paralelo no folclore de certos países da Europa Oriental.

- É prática corrente em todo o país serem certos cantos religiosos, ou de feição religiosa, cantados no decorrer das várias fainas agrícolas.

- A seguir daremos o «São João da Guarda», que ouviremos pela voz de Lucinda Matos Neves, de Teixoso (Covilhã), já conhecida dos nossos telespectadores.

- Outro canto de São João, recolhido em Alpalhão (Portalegre). A cantadeira é já conhecida do nosso programa. O marcar do ritmo com o almofariz não é prática muito frequente, embora se tivesse registado o facto em outras localidades do Alto Alentejo.

- ROSMANINHAL (Castelo Branco). Vamos assistir a breves momentos de uma entrevista com um construtor de adufes – instrumento que normalmente acompanha os cantos de São João.

- Sempre no Rosmaninhal, no dia da festa de São João – festa a que dedicámos o

programa anterior. Três mulheres vão cantar o São João tradicional da terra – espécie musical que pertence ao género das chamadas «cantigas de adufe».

- Nas imediações de Igreja de Cambra, no concelho de São Pedro do Sul, Viseu. Nesta região, como vimos nos programas anteriores, sobrevive a tradição do cante polifónico de vozes femininas. O cante inicia-se sempre monodicamente e prossegue em organum a quatro vozes: começo – descante grosso alto – descante fino. É de notar o grito final, grito de apupar que, ritualmente, termina os cantos de São João, bem como certos cantos de romaria e de trabalho. Antes de ouvir, porém, o canto de São João, recolhido em Igreja de Cambra, desejamos apenas lembrar o seguinte:

- 1.º O São João, como possivelmente terão reparado neste programa, é quase sempre tido pelo povo como um santo um pouco folgazão e, daí, as numerosas quadras maliciosas e por vezes mesmo irreverentes que lhe são dedicadas;

- 2.º A festa de São João coincide com as antigas festas ligadas aos ritos solares – festas da purificação, em que intervinham necessariamente o fogo e a água: o fogo, das fogueiras de São João, e água, das fontes que, segundo a tradição popular, ficam sagradas na noite de São João.

24.º PROGRAMA

CANTOS E MÚSICAS DE ROMARIA

24 de Julho de 1972



- Para iniciar este programa, daremos a «Senhora do Remédio», pela voz da cantadeira Catarina Chitas, de Penha Garcia, no distrito de Castelo Branco. A «Senhora do Remédio» é invocada na região para prevenir calamidades ou socorrer doentes e aflitos.

- A «Senhora do Amparo», que vamos ouvir a seguir, é objecto de devoção em Aldeia de Joanes, no distrito de Castelo Branco. A polifonia a três vozes é uma variante de fabordão. Neste momento, desejamos sublinhar que o título dado ao programa de hoje deve ser entendido num sentido lato. O folclore, como fenómeno dinâmico que é, não sofre compartimentações rígidas. Pela nossa parte, acreditamos, com Edison Carneiro, que «o folclore, não obstante partilhar em boa percentagem da tradição e se caracterizar pela sua resistência à moda, é sempre ao mesmo tempo como que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação».

- Os bombos de Lavacolhos (Castelo Branco) participam na romaria de Santa Luzia, no Castelejo (sempre no distrito de Castelo Branco).

- A romaria de Santa Luzia é tida pelo povo como curadora das doenças da vista, o que nos vem lembrar que a festa da Santa, no dia 13 de Dezembro, coincide aproximadamente com o solstício do Inverno (antes da adopção do calendário gregoriano), altura em que a luz do dia parece prolongar-se. O nome de Santa Luzia, por outro lado, prestou-se

facilmente à conclusão com a palavra latina lux, a luz.

- Novamente os «bombos» de Lavacolhos tocando «ao alto», música que, com as suas cantigas entremeadas, anima a romaria. A letra de «ao alto» pouco ou nada tem que ver com a devoção que o povo tributa a Santa Luzia.

- TALHADAS, no concelho de Sever do Vouga, Aveiro.

Ouvimos a primeira parte de um canto de devoção à Senhora Santa Combinha, cuja romaria se realiza nas imediações de Cambra, no concelho de S. Pedro do Sul. Romaria das mais afamadas, da região. O canto iniciou-se monodicamente para prosseguir em organum a quatro vozes. Ouviremos, a seguir, a parte final do canto.

- Malpica do Tejo (Castelo Branco). A «Senhora das Neves», canto de devoção, acompanhado ritualmente pelos adufes.

- Acabámos de ouvir a «Senhora das Neves». A ermida da Santa está situada na margem direita do Tejo, entre Monforte e Malpica.

E agora mais um fragmento do «Senhor da Pedra» – já apresentado no nosso programa – recolhido em Couto de Esteves, no concelho de Sever do Vouga, Aveiro.

- O «Senhor da Pedra». Mais que um canto de romaria, é um canto com referências ao Senhor da Pedra, para ser cantado e dançado no terreiro da romaria. A melodia é um produto híbrido de músicas tradicionais do Minho com o fado – coisa não rara nos cantos de desafio da região.

- O povo de Souto da Casa (Castelo Branco) organiza, na Quarta-feira de Cinzas, uma espécie de romaria comemorativa da vitória alcançada em fins do século passado, a qual lhe permitiu conservar em sua posse os disputados terrenos comunitários de Carvalhal.

- Os bombos tocam a música do Carvalhal. De vez em quando, surge a pergunta: «De quem é o Carvalhal?», e a resposta colectiva: «É nosso!».

O regresso do Carvalhal, no fim de um dia de grande exaltação popular. Outrora, o regedor rematava o seu discurso com estas palavras: «O céu é de quem o ganha e a terra de quem a amanhã.»

- Desta peregrinação ao Carvalhal, conseguimos registar apenas estas imagens que, de qualquer modo, julgamos útil apresentar aos telespectadores. Proximamente, voltaremos ao Carvalhal para de novo estar com o povo de Souto da Casa.